

Objetos–cicatriz e recepção estética: experimentando pensamentos em meio a obras em obra

Elizabeth M. F. Araújo Lima

Como é possível que tudo
possa ser feito e desfeito, criado e destruído,
mas que o próprio Z estivesse ali sentado
com pressentimentos de ter lhe faltado a criação.

Juliano Garcia Pessanha¹

Tornar a vida digna de ser vivida

Estávamos em um encontro do Agenciamento Coletivo de Clínica, uma atividade desenvolvida no Núcleo da Subjetividade do Programa de Psicologia Clínica da PUC–SP entre os anos de 2006 e 2007. Nesse espaço, através da hibridização do universo conceitual da filosofia da diferença com as diversas práticas dos pesquisadores do Núcleo, buscávamos encarnar os conceitos, revesti-los de qualidades estéticas, sensíveis e afetivas. A idéia disparadora para essa experiência foi a de que *as formas mais singulares de expressão são aquelas com maior potência para produzir ressonância*. Procuramos, assim, constituir um “plano de agenciamento” no qual cada participante pudesse encontrar uma forma de expressão para apresentar seu campo problemático, dando passagem a ressonâncias inusitadas, à criação de sentidos e à exploração de conceitos. Naquele dia, Lucimar Bello apresentava seu trabalho *Cartografias Cidadianas*.² O trabalho estava em obra. Obra em obra, como a obra que nos apresentou com suas imagens. Uma sequência rítmica de fotos de um prédio em construção, na qual, mais do que a concretude de uma realidade cotidianamente conhecida pelos moradores das grandes cidades, sobressaíam linhas, tracejados, texturas e composições inesperadas. A experiência de encontro com as imagens trazidas por Lucimar, e o que sua aparição provocou em nosso agenciamento coletivo, nos fez perguntar por esse acontecimento que chamamos de recepção estética. Como podemos pensar a relação que se estabelece entre um espectador e um trabalho artístico?

¹ Pessanha, J. G. *Subedoria do nunca*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 29.

² Este trabalho faz parte de uma pesquisa da artista que, entre 2002 e 2010, tomou a cidade de São Paulo como um grande papel, e a máquina fotográfica como a ponta de um lápis. Parte dessa pesquisa, que tivemos a oportunidade de acompanhar nos encontros do Agenciamento, foi realizada como pós-doutoramento no Núcleo de Estudos da Subjetividade (PUC/SP), sob o título “vasas. cidades.dos Alpes ao Ilha de Capri”. Frange, L. B. P. *Cidades desenhantes: um desnorde*. 19^o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Cachoeira, Bahia, Brasil, 2010.

No entanto, mais do que nos perguntarmos pela relação genérica entre público e obra, estávamos interessados em problematizar o encontro singular entre um corpo e um objeto, imagem, movimento, som, engendrados quando se busca fazer face a um acontecimento e decifrar as sensações que aí emergem. É sempre por um corte ou fissura que se produz uma abertura ao acontecimento e se dá passagem ao pensamento e à criação, nos diz Deleuze³. O acontecimento nos joga para fora de nós mesmos, rompe a teia de significações, desterritorializa uma organização subjetiva, abre o corpo e coloca-o diante do não-senso. Para ir além deste momento de crise, sem desmoronar, é preciso que se possam criar novos mundos, novos corpos, novos ritmos. “Fazer a fissura transbordar em traço, virar ferida, marca, cicatriz. Fazer corpo do que era silêncio e imensidão”.⁴ Assim se fazem os *objetos-cicatriz*, essas configurações semióticas que são, também, produção de território subjetivo a partir das matérias do mundo. Assim a vida se torna vivível.

Criar, existir

Para Gilberto Safra⁵, as experiências estéticas estão presentes desde o início da vida. Elas são essenciais para a constituição e apresentação de *si mesmo*, através da criação de formas sensíveis e materiais. Essas experiências inauguram para alguém a possibilidade de existir frente a um outro, através da articulação de signos que constituem e apresentam as vivências desse existir de um modo singular. A experiência estética é, nesta perspectiva, um encontro; ela acontece na presença de um outro significativo que recebe e reconhece aquilo que é criado — o que torna indissociáveis, na própria experiência, produção e recepção.

A recepção estética seria, então, dimensão inseparável da experiência estética. Momento que segue e acompanha o processo de produção do *objeto-cicatriz*, no qual a constituição de um novo território estanca e configura os fluxos que atravessam um corpo. Mas, o que se passa no momento da recepção estética? O que acontece a um corpo quando encontra um *objeto-cicatriz*, vestígio, marca e testemunha de um acontecimento?

Aquele que encontra um tal objeto pode sentir-se tocado se o acontecimento, que instaura a ferida e dá lugar ao processo de sua cicatrização, ressoa, de alguma forma, em seu corpo, com as feridas de que é portador. Assim, paradoxalmente, aquele objeto que configura os fluxos em um corpo tem a potência de reabrir feridas em outros corpos que com ele entram em conexão.

Lucimar Bello foi pega pelo que acontecia além da sua janela. E o que acontecia em sua janela era um edifício em construção. Foi pega, em meio à proliferação de habitações *prêt-à-porter* que invadem uma grande cidade, pela redução de seu espaço vital e pela diminuição das distâncias entre cor-

3 cf. Deleuze, G. *Lógica do sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

4 Aragon, L. E. e Lima, E. M. F. A. Agenciamento Coletivo de Clínica: conceitos se fazendo nos encontros. In: *Subjetividade Contemporânea: desafios teóricos e metodológicos*. Curitiba: CRV, 2010, p. 7.

5 cf. Safra, G. *A face estética do self*. São Paulo: Unimarco, 2004.

pos. Vivia nela a premência de fazer alguma coisa com aquilo, de não deixar passar. Um movimento ininterrupto, revelando uma inextricável relação entre criação e destruição, gritava em sua janela.

Não criamos porque queremos, somos obrigados a criar, nos ensina Deleuze⁶. Atravessada pela produtividade proliferante da cidade, Lucimar foi arrastada – “às vezes acordava no meio da noite, o prédio me pedia que eu o fotografasse”, nos conta ela.

Como estancar o fluxo? Como fazê-lo passar? Como produzir marcas?

Vamos acompanhando as fotografias, tomando-as como relato imagético de um processo de criação. Somos enfeitiçados pela beleza dos recortes e pelas qualidades formais e plásticas das imagens, que vão nos revelando um monstro em expansão. Seus tentáculos surgem do solo e, num ritmo maquinal, vão aumentando, crescendo para frente, para os lados, em todas as direções.

Crescia o monstro, crescia a urgência de contornar de alguma forma o movimento que, a um só tempo, comportava criação e destruição. Sim, porque se houve destruição para que esta obra aparecesse, por outro lado, em sua aparição, uma série de linhas, formas e texturas se apresentam, abrindo uma multiplicidade de caminhos possíveis.

Destruição, construção, destruição... Como é possível nos localizarmos em meio a esse processo infernal? Como construir um território mínimo que possa, ao mesmo tempo, estabilizar o fluxo e nos fazer entrar nele? Estamos tão desterritorializados que, a cada momento, pegamos algo pronto e tomamos como próprio, numa reterritorialização padronizada.

Associações surgem, perguntas, pensamentos, incômodos, ressonâncias.

“A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce.”⁷

O abismo de não ser

A experiência estética instala-se num intervalo entre a ferida e sua cicatriz. A cicatriz é tecido. Produção de tecido vivo para conter o escoamento do sangue e tentar refazer a superfície. O *Corpo sem Órgãos*, instalado pelo acontecimento do encontro com um monstro que não para de crescer, clama por uma reterritorialização. A abertura indiscriminada para o exterior pede a construção de uma membrana que filtre, deixe passar ou impeça, isto é, organize os encontros.

Assim, o *objeto-cicatriz* dá forma a algo que se passa com aquele que cria. Quando entramos em contato com ele, se produz em nós uma atualização daquela experiência. Algo em mim, em nós, se deixou afetar pela composição imagética trazida por Lucimar, porque ela, em algum ponto, ressoa com nossas feridas. O contato com aquelas imagens reabriu feridas dos tantos encontros

6 cf. Deleuze, G. O ato de criação. Especial para *Trafic*. Tradução de José Marcos Macedo. Palestra proferida em 1987. Publicado no Caderno Mais! Folha de S. Paulo, 27/06/1989. Disponível em: <http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/>

7 “A cidade”. Composição de João Higinio Filho gravada por Chico Science e Nação Zumbi.

com processos de criação e destruição. Feridas instauradas ao sermos tomados e arrastados por movimentos que não podemos conter, e que avançam em direções que não desejamos. “Como é possível que tudo seja feito e desfeito, criado e destruído” e que nós não participemos da criação?

E a cidade, nossa cidade, nosso território coletivo. Cabemos nela e não cabemos. Desejamos outra e a amamos assim. Nosso embate cotidiano com a cidade muitas vezes produz em nós um corpo cidadão, fechado aos acontecimentos. O excesso de atravessamentos torna a pele espessa e pouco sensível.

Em sua conferência no seminário Vida Coletiva, Jean Marie Gangnebin⁸ nos apresentou o pensamento de um sociólogo do início do século XX, Georg Simmel. Para ele, a configuração espacial das grandes cidades instala um contexto no qual as experiências são marcadas por um excesso de proximidade, o que pode levar à falência das possibilidades de verdadeiras relações pessoais. Submetido a um excesso de estímulos sensoriais e intelectuais, o habitante das grandes cidades tem de se proteger – para não sucumbir a um esgotamento físico e intelectual –, e o faz criando uma carapaça de indiferença e frieza. Assim, abdica de uma parte de sua sensibilidade, se anestesia. A percepção se torna mais pobre pela saturação. As capacidades de ver e de sentir ficam ameaçadas.

O desenvolvimento exponencial da técnica e a angustiante quantidade de estímulos e informações produzem uma nova forma de miséria, que Walter Benjamin denominou de pobreza de experiência⁹. Neste mundo, no qual tudo está organizado para que nada nos aconteça, a experiência – que comporta a possibilidade de narrar, configurar, criar a partir do que nos acontece – é cada vez mais rara.

Quando impossibilitados de criar e privados da presença de outros que possam testemunhar nossa criação, somos tomados por um sentimento de irrealidade. Ficamos à beira da não existência.

Inserir-se no movimento contínuo, configurar fluxos

Mas Lucimar não quer que fiquemos anestesiados, ela não está. Reabre feridas em nós e apresenta, ao mesmo tempo, um bálsamo ou talvez um caminho possível. Abrir o corpo, os sentidos, para que algo nos aconteça. O encontro com sua obra em obra nos lança à experiência da criação de objetos, pensamento, imagens, novos corpos. Somos convidados a nos inserirmos no movimento incessante de criação e destruição; a não deixar a vida passar sem que nos engajemos nesse processo contínuo e ininterrupto. E, por outro lado, não deixar que o fluxo nos arraste e nos arranque, mas tomá-lo nas mãos, moldá-lo, inventando diques, paragens e passagens.

⁸ cf. Gangnebin, J. M. Como podemos viver junto? Uma comunidade de estrangeiros. In: Lagnado, L; Pedrosa, A; Freire, C. et al. *27ª Bienal de São Paulo – Seminários*. Ed. 1, Cobogó/Bienal de São Paulo, vol. 1, p. 250–260, 2008.

⁹ cf. Benjamin, W. Experiência e Pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. (Obras escolhidas, 1). São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114–119.

A experiência estética atualiza outros acontecimentos que se juntam a este em novas dimensões espaço-temporais. Os reeditamos, através do contato com o *objeto-cicatriz*, fruto de um embate. Há neste objeto uma resolução do problemático que o abre para outras paisagens – caminhos que bifurcam; muros que contém e contornam.

Nas imagens vemos muros se fazendo, mas também espaços por onde o ar pode circular. Aberturas, janelas, hiatos entre vigas, luz que atravessa panos e telas. Por baixo dos muros, as madeiras desenhando linhas, um traçado, um trançado. Fios apresentando, na materialidade e concretude de uma construção, que aquilo que é poderia ser diferente.

Ao mesmo tempo, o encontro com este objeto é o encontro com as marcações de um território. O prédio-monstro que invade o espaço vital de Lucimar agora é dela. Ela apossou-se, envelopou, apoderou-se dele. Fez com ele um corpo-monstro. Fez dele seu território.

Um território se constrói pelo *ato expressivo*. No trajeto de constituir mundos estabelecemos contato com uma multidão de fluxos, em constante diferir dos próprios mundos constituídos. É através desses mundos, e dos sentidos que se desprendem deles, que se comunica uma vitalidade rítmica, gênese expressiva que avança do caos e cria *consistência*.

“O território é, ele próprio, lugar de passagem”.¹⁰ O território que o *objeto-cicatriz* constitui, e a ferida por ele reaberta, nos permite acessar algo da experiência de quem o produziu, por uma operação de ressonância. De um a outro, passagem, afeto. As feridas e cortes, que vivem através de cada um de nós, fazem os encontros quando criam ressonância, e se afirmam naquilo que nos escapa.

Encontrar um território é também encontrar uma distância. A minha distância em relação ao outro comporta uma ética. A distância que é preciso demarcar, não avançar, a justa distância que permite o comum. A experiência estética é uma experiência no mundo comum.

Para Hannah Arendt, o mundo comum ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens. Conviver no comum é compartilhar coisas fundamentais à vida humana: usufruir a presença dos outros; ver e ouvir os outros; ser visto e ouvido por eles e experimentar a realidade que daí advém; realizar algo que, ao introduzir-se no espaço do comum, ultrapassa a própria vida individual. A presença dos outros nos garante a realidade do mundo e de nós mesmos¹¹.

Para a autora, a arte é o último reduto no qual se constrói um mundo comum, numa época em que a existência está voltada a produção e consumo incessante de coisas para garantir a vida, e na qual tudo se torna rapidamente obsoleto e descartável.

Construir um mundo comum é uma política.

10 Deleuze, G. e Guattari, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 132.

11 cf. Arendt, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

Habitar o trágico

Na recepção estética, o encontro com um objeto, imagem, sonoridade, ritmicidade, ou outra matéria expressiva, instaura “um modo de experiência de si mesmo na capacidade de ser outro”¹²—o que envolve uma dimensão do comum e, também, uma dimensão do sagrado, no sentido daquilo que é vivido como grande demais, forte demais, belo demais. A partir do contato com algo em sua materialidade sensível, estabelece-se uma conexão com um plano imaterial, que comporta campos de força, e com a vitalização produzida por um reencantamento do mundo.

Por alguns instantes, nos encantamos com os andaimes, pedaços de concreto, linhas desenhadas pela madeira. No entanto, à medida que o edifício vai sendo finalizado, rebocado, pintado, no momento do acabamento, vamos encontrando um prédio igual a todos, e aquilo que havia de interessante nas entranhas desaparece para dar lugar ao mesmo. Damos-nos conta de que todo o processo caminhava para um final previsto de antemão, no qual tudo está bem acabado e funcionando bem demais. Teleologia. Engodo. Nada há aqui de acaso ou criação. Somente o planejado e frio *hall* de entrada de um prédio de classe média no meio do bairro de Perdizes.

Imagens da vida que prolifera e da vida submetida; o movimento vital e sua captura em uma territorialização de fachada.

O grupo do Agenciamento Coletivo se põe a trabalhar. Livres associações, angústias já vividas, outras já pensadas. Há quem também se sinta convocado e fotografe as constantes demolições em Perdizes que desfiguram e reconfiguram a paisagem urbana. Há quem se lembre de casas de bairros populares, todas iguais, que vão aos poucos sendo habitadas, envelopadas, marcadas, singularizadas. Como resistir às territorializações homogeneizantes e singularizar os espaços cotidianos? Pensamos nos sons que acompanham mentalmente essas imagens, sentimos o ritmo com o qual elas se imprimem em nós, nos fazendo experimentar o movimento opressivo da cidade.

Não estamos interessados ou preocupados com o que essas imagens querem dizer, mas em como elas funcionam. Que dispositivo fazem funcionar, quais pequenas máquinas estão agenciadas neste dispositivo e que relação particular ele estabelece com as grandes máquinas sociais e históricas.¹³

E, então, redescobrimos o acaso e a invenção se insinuando no encontro entre um corpo em seu devir monstro e um monstro-prédio: sem o prédio em construção não haveria este *objeto-cicatriz*. Acaso e criação se revelam, também, no encontro de outros corpos com este objeto, corpos que se *monstrualizam*. Assim, a ferida implicada no objeto se transmite e nomadiza. Sensibilidades, éticas e políticas.¹⁴

12 Jauss, H. R. O prazer estético e as experiências fundamentais da poíesis, asthesis e katharsis. In: Lima, L. C. (org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 77.

13 cf. Deleuze, G. *A ilha deserta e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade. Organização da edição brasileira Luiz b. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

14 cf. Aragon, L. E. Anotações do Agenciamento Coletivo de Clínica. PUC-SP, 01/11/2006.

A arte pensada em sua dimensão utópica, como nos propõe René Scherer¹⁵ — no sentido da não aceitação da realidade reduzida a seus aspectos objetivos —, pode promover o reencontro com o caráter trágico da existência. A inelutável impermanência de tudo o que existe e a possibilidade de criar mundos a cada vez que algo desmorona ou é demolido. Devir e finitude. Criar mundos é, também, inventar-se a si mesmo nos agenciamentos que vão se fazendo a cada encontro, com objetos, com pessoas, com materiais, com bichos, com plantas, com imagens, com sons, com edifícios em construção. Resta-nos perguntar

Quanto de angústia e dor comporta uma *invenção permanente de si*, num contexto em que a rapidez das desterritorializações impostas, obriga a uma premência de inventar territórios, mínimos pedaços de terra para habitar (...), a partir do próprio processo vital que vai se fazendo nos encontros? Quanto custa para cada um, manter-se nessa margem /limite de si mesmo?¹⁶

São questões para continuarmos conversando.

Estamos de alguma forma compartilhando os incômodos de um convite a uma vida desanestesiada. Lutando para tomar parte no fluxo ininterrupto de criação e desfazimento, buscamos introduzir aí outros tempos e outras modelagens, de modo a produzir singularizações.

Para Deleuze¹⁷, partilhar alguma coisa é remar junto, é estar no mesmo barco. Somente no plano do comum é possível amar e afirmar a vida em toda a sua dor e alegria, em toda a sua feiúra e beleza.

* Elizabeth Araújo Lima é terapeuta ocupacional e professora do Curso de Terapia Ocupacional da USP. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, com Pós-doutorado no Núcleo de Estudos da Subjetividade e na University of the Arts, London. É autora do livro *Arte, Clínica e Loucura: território em mutação*.

15 cf. Schérer, R. Modernidade e Utopia. Palestra proferida no Programa de Estudos Pós Graduais em Psicologia Clínica da PUC/SP, São Paulo, 01/12/1999.

16 Aragon, L. E. e Lima, E.M.F.A. Agenciamento Coletivo de Clínica: conceitos se fazendo nos encontros. In: *Subjetividade Contemporânea: desafios teóricos e metodológicos*. Curitiba: CRV, 2010.

17 cf. Deleuze, G. *A ilha deserta*, op. cit.